

Afecto

(Deleuze 1970)

Além dos estudos consagrados a Espinosa, o conceito de afecto ocupa um lugar central em três obras de Deleuze, sendo recolocado a cada vez numa constelação conceitual diferente.

Em *Cinema I: Imagem-movimento* (1983), o conceito de afecto é utilizado em correlação com aquele de afecção para determinar, a um só tempo, um tipo de imagem (a imagem-afecção, por oposição a outras, tais como a imagem-movimento, a imagem-percepção, a imagem-pulsão), assim como uma componente de toda imagem. No quadro deste estudo, a diferença espinosista entre afecto e afecção deixa de ser pertinente, a palavra afecção designando a natureza da imagem enquanto o afecto designa seu exprimido (« o rosto é em si mesmo grande plano [*close*], o grande plano [*close*] é, por si mesmo, rosto, e todos dois são o afecto, a imagem-afecção », p. 126). O afecto é definido aí ao mesmo tempo como **(1) qualidade intensiva** (segundo as linhas e os traços de rostidade que atravessam o grande plano [*close*] e como **potência, intensa potencialização do espaço**. O afecto já é concebido aqui como processo de extração, de abstracção – segundo diferentes modos – visto que é ao arrancar de coisas que o grande plano [*close*] deve o fato de se poder elevar o afecto puro ao estatuto de entidade. Enfim, mesmo sendo singular, ele é indissociável de outras singularidades com as quais ele se conjuga e às quais se opõe.

Em *O que é a filosofia?* (1991), o capítulo 7 é intitulado « Percepto, afecto, conceito ». Este capítulo formula uma estética : a arte não lida nem com conceitos, nem com percepções, nem afecções, mas com perceptos e afectos, independentes de um corpo que os sentiria (o do artista ou o do espectador), não subjetivos, não humanos, não submetidos ao tempo. Para Deleuze e Guattari, a estética não tem nada a ver com a percepção, e tudo, com a sensação, singular mas não individual, misto de percepto e afecto. A sensação está no material (« sorriso de óleo, gesto de terracota, elã de metal, agachamento da pedra romana »), QP, p. 156. O papel da obra de arte é extrair um bloco de sensação das percepções e afecções, de arrancá-las dos perceptos e dos afectos (*ibid.*, p. 158). O afecto é então definido como **(2) « um devir não-humano do homem »** (*ibid.*, p. 163), e o artista é um criador de afecto, um inventor de afectos desconhecidos (o devir-baleia do capitão Achab, o afecto violento que une Heathcliff a Catherine em *O morro dos ventos uivantes*).

Em *Crítica e clínica* (1993, cap. XIII « Bégaya-t-il... »), o afecto é ligado à questão do estilo, cujo conceito é construído através daquele de gagueira : « Não é mais o personagem que é gago da fala, mas o escritor que se torna gago da língua : ele faz a língua enquanto tal gaguejar. Uma linguagem afetiva, intensiva, e não mais uma afecção daquele que fala » (p. 135).

Trecho extraído de *Les cahier de noesis. Vocabulaire de la philosophie contemporaine de langue française. Le Vocabulaire de Gilles Deleuze*. Dirigido por Robert Sasso et Arnaud Villani. Caderno n.º 3. Primavera de 2003.